

## Contingência cultural de três termos: Uma proposta de explicação comportamentalista da cultura

Jordana Fontana  
Carolina Laurenti

### RESUMO

O interesse pelo estudo da interface entre a ontogênese e a cultura, e mais especificamente pelos aspectos culturais, ensejou a constituição de uma área de pesquisa que tem sido denominada Análise Comportamental da Cultura. A despeito desse esforço analítico, ainda não há uma explicação consensual de cultura de acordo com os pressupostos do comportamentalismo radical. Com base na análise de textos de Skinner sobre o nível cultural, o objetivo do artigo consistiu em mostrar que a explicação skinneriana da cultura pode ser acomodada na estrutura de uma contingência cultural de três termos. A cultura, então, passa a ser entendida a partir da inter-relação probabilística entre práticas culturais, condições do ambiente físico e social e as consequências culturais que operam a partir do valor de sobrevivência da cultura. Essa explicação possibilita não só uma compreensão da cultura, mas também de como acontece a evolução cultural. Assim, a cultura apresenta-se como um nível de variação e seleção com características próprias, tendo temporalidade e complexidade diferentes do nível ontogenético e filogenético e, portanto, necessitando de um nível específico de análise.

*Palavras-chave:* cultura; evolução cultural; contingência; explicação; comportamentalismo radical.

### ABSTRACT

#### Cultural three-terms contingency: A proposal of culture behavioral explanation

The interest in the study of the interface between ontogenesis and culture, and more specifically the cultural aspects, led to the constitution of a research area that has been called Behavioral Analysis of Culture. In spite of this analytical effort, there is still no consensual explanation of culture according to the assumptions of radical behaviorism. Based on the analysis of Skinner's texts on the cultural level, the aim of the article was to show that the Skinnerian explanation of the culture can be accommodated in the structure of a threefold cultural contingency. Culture, then, comes to be understood as the probabilistic interrelationship between cultural practices, conditions of the physical and social environment and the cultural consequences that operate from culture's survival value. This explanation enables not only an understanding of culture, but also of how cultural evolution happens. Thus, culture presents itself as a level of variation and selection with its own characteristics, having different temporality and complexity from the ontogenetic and phylogenetic levels and, therefore, requiring a specific level of analysis.

*Keywords:* culture; cultural evolution; contingency; explanation; radical behaviorism.

Desde a publicação de *Walden Two*, verifica-se o interesse explícito de Skinner em questões sociais e sua tentativa de aplicar a ciência do comportamento humano aos aspectos culturais — algo que se manteve ao longo de sua obra, como pode ser visto em publicações subsequentes como *Science and human behavior* (Skinner, 1953), *Beyond freedom and dignity* (Skinner, 1971), e *Reflections on behaviorism and society* (Skinner, 1978). O interesse pela investigação da cultura estendeu-se também aos estudiosos da obra de Skinner (Baum, 2005; Biglan, 1998; Guerin, 1994; Lamal, 1991, 1997), o que não significa, contudo, que tenham se limitado às considerações do autor sobre essa temática. Foram propostos novos conceitos

### Sobre os autores

J. F.  
<https://orcid.org/0000-0001-8595-1590>  
Universidade Estadual de Londrina – Londrina, PR  
[jordanafontanaac@gmail.com](mailto:jordanafontanaac@gmail.com)

C. L.  
<https://orcid.org/0000-0002-5247-9610>  
Universidade Estadual de Londrina – Londrina, PR  
[claurenti@uem.br](mailto:claurenti@uem.br)

### Direitos Autorais

Este é um artigo de acesso aberto e pode ser reproduzido livremente, distribuído, transmitido ou modificado, por qualquer pessoa desde que usado sem fins comerciais. O trabalho é disponibilizado sob a licença Creative Commons CC-BY-NC.



para explicar a cultura, como o de metacontingências (Glenn, 1986, 1991; Martone & Todorov, 2007; Todorov, 2012b, 2013) e macrocontingências (Borba et al., 2014; Glenn, 2004), e essas questões também têm sido investigadas no âmbito de pesquisas experimentais (Soares et al., 2018; Velasco et al., 2017; de Carvalho et al., 2016).

No cenário nacional, propostas de estudo da cultura no escopo do modelo de seleção por consequências (Skinner, 1984)<sup>1</sup> têm explorado a interface entre o segundo (ontogênese) e terceiro nível (cultura) de modo mais sistemático, o que tem requerido um estudo diligente da própria cultura. Esse esforço analítico tem sido sistematizado na expressão "Análise Comportamental da Cultura", que "busca esclarecer, de modo direto e econômico, o arranjo, a configuração, a complexidade do *design* das práticas [culturais] e as consequências que as mantêm" (Carrara & Zilio, 2015, p. 145). Nesse domínio, pesquisadores e pesquisadoras têm dado maior destaque às investigações sobre seleção cultural (Andery, 2011; Carrara, 2016; de Rose, 2016; Dittrich et al., 2013; Melo & de Rose, 2012, 2013).

A despeito da proposição de novos conceitos e dos avanços em termos metodológicos, não há uma aceção unívoca da cultura, de modo que o estudo do terceiro nível de variação e seleção ainda concentra discussões sobre definição e delineamento de uma explicação comportamentalista da cultura. Fernandes et al. (2017), por exemplo, encontraram diferentes aceções de cultura nos textos skinnerianos, sendo ela descrita ora como ambiente social, ora como conjunto de contingências e, em alguns momentos, até mesmo como conjunto de práticas culturais. Segundo eles, isso poderia representar uma incoerência na teoria. Diante dessa possibilidade, os autores realizaram uma sistematização dos textos de Skinner relacionados à cultura a fim de delimitar um conceito mais preciso, propondo simplificações: cultura será entendida, então, como um "*conjunto de contingências sociais*, isto é, contingências de reforçamento e punição mantidas pelos membros de um grupo em contextos específicos" (Fernandes et al., p. 276); práticas culturais são os "padrões comportamentais de indivíduos ou de pessoas se comportando em grupo" (Fernandes et al., p. 277); e o contexto antecedente e consequente dessas práticas é o ambiente social, composto pela mediação comportamental.

Zilio (2016, 2019), por sua vez, problematiza a noção de um terceiro nível de seleção para compreender os aspectos culturais, levantando a possibilidade de que os processos culturais possam ser elucidados apenas por meio da contingência de reforçamento do nível ontogenético, sendo a cultura

uma aplicação especial (Zilio, 2016). Sem abandonar a noção de seleção por consequências, o autor questiona, contudo, as bases empíricas e conceituais do modelo no que diz respeito ao terceiro nível de seleção, afirmando ser possível "explicar o surgimento e manutenção de práticas culturais a partir da análise de contingências sociais, sem a necessidade de postular um terceiro nível de processo seletivo" (Zilio, 2016, p. 277). Por isso, Zilio (2019) também questiona a necessidade do conceito de metacontingência para o estudo de fenômenos culturais (ver também Carrara & Zilio, 2015).

Com respeito a esse último aspecto, Gusso e Kubo (2007) já haviam debatido o assunto, listando alguns pontos críticos a respeito do uso da noção de metacontingência para explicar o terceiro nível de seleção por consequências. Os autores afirmam que, não raro, a caracterização desse conceito utiliza de expressões inconsistentes, e apontam como um dos principais problemas o fato de que, por mais que a metacontingência se proponha a explicar processos no nível cultural, as análises "parecem contemplar mais a noção de contingência de reforçamento" (Gusso & Kubo, 2007, p. 142). Assim, é possível que o conceito de metacontingência remeta mais ao exame do comportamento social dos indivíduos do que propriamente à investigação da cultura.

Mesmo que distintas, as interpretações a respeito da noção de cultura parecem exibir o esforço comum de construir uma explicação comportamentalista da cultura de acordo com os pressupostos do comportamentalismo radical (Andery, 2011). Isso significa buscar uma explicação da cultura que não recorra a constructos (e.g., metafísicos, sobrenaturais, extra-empíricos) que ultrapassem o campo das relações entre objeto analisado e aspectos contextuais. Significa, outrossim, um estudo que satisfaça os critérios de uma explicação científica, em termos de apoio empírico, consistência lógico-teórica, parcimônia, de maneira a "facilitar o desenvolvimento de pesquisas teóricas, experimentais e aplicadas e, conseqüentemente, o desenvolvimento concomitante da Análise Comportamental da Cultura" (Fernandes et al., 2017, p. 269).

No nível ontogenético, um conceito que logrou esses propósitos na teoria skinneriana foi o de contingência de reforçamento, de acordo com o qual o comportamento operante deveria ser explicado descrevendo-se a inter-relação probabilística entre três aspectos: um tipo de resposta, a ocasião em que ocorre e as consequências por ela produzidas (Skinner, 1969). A explicação do comportamento operante pautando-se na estrutura de uma contingência de três termos elucidada o caráter radical do comportamentalismo de Skinner.

<sup>1</sup> Vale destacar que há analistas do comportamento que se propõem a analisar tanto o comportamento (Tonneau, 2017) quanto aspectos sociais mais complexos (Guerin, 2016) sem recorrer à seleção pelas consequências como nexos explicativos desses fenômenos.

Segundo o próprio autor, o termo radical designa “a filosofia de uma ciência do comportamento tratado como objeto de estudo em sentido próprio, separado de explicações internas, mentais ou fisiológicas” (Skinner, 1989, p. 122. Trad. Própria). Com o conceito de contingência de reforçamento foi possível explicar as complexas inter-relações entre indivíduo e ambiente sem recorrer a noções (e. g., mentalistas, fisiológicas) que ultrapassassem o domínio comportamental (Lopes & Laurenti, 2014; Skinner, 1989). Skinner (1969, p. 27. Trad. Própria) elucida esse ponto: “O comportamento gerado por um determinado conjunto de contingências pode ser explicado sem apelar para estados ou processos internos hipotéticos”. Além disso, a contingência de reforçamento também orienta estudos científicos sobre o comportamento e processos comportamentais por meio de diferentes estratégias de investigação que se verificam na área (Todorov, 2012a).

Vale destacar, ainda, que o conceito de contingência foi utilizado por Skinner (1984) não apenas para se referir ao nível operante, mas também a outros níveis de variação e seleção. De acordo com Skinner, “o comportamento humano é o produto comum de (i) *contingências de sobrevivência* responsáveis pela seleção natural, e (ii) *contingências de reforçamento* responsáveis pelos repertórios dos indivíduos, incluindo (iii) as *contingências especiais* mantidas por um ambiente social evoluído” (Skinner, 1984, p. 477. Trad. Própria, itálicos adicionados).

Além de “contingências de sobrevivência”, Skinner (1984) empregou a expressão “contingências de seleção natural” ao discutir as condições evolutivas responsáveis pelo surgimento do processo de condicionamento operante: “o condicionamento operante é um segundo tipo de seleção por consequências. Deve ter evoluído em paralelo com dois outros produtos das mesmas *contingências de seleção natural*” (Skinner, 1984, p. 477. Trad. Própria, itálicos adicionados.) Essa possibilidade de uso do conceito de contingência para explicar fenômenos em outros níveis de variação e seleção também foi explorada por Moxley (2004). Ele utilizou a estrutura de uma contingência de três termos, descrita por ele como “AB-por-causa-de-C”, para explicar a evolução das espécies por seleção natural.

Nesse caso, cada um dos três elementos do esquema AB-por-causa-de-C correspondia a, respectivamente, condições de vida, variação e seleção. Segundo o autor,

em contraste com formulações *se-A-então-B* (como as formulações S-R), a formulação *AB-por-causa-de-C* é uma declaração geral de que a relação entre um evento (B) e seu contexto (A) é por causa das consequências (C). Aplicado à seleção natural, a relação entre (A) o ambiente e (B) o estoque de animais adaptados a ele existe por causa das (C) consequências ocorridas por relações AB (ambiente-animal) anteriores (Moxley, 2004, p. 111. Trad. Própria).

Se a estrutura da contingência de três termos foi utilizada não só para explicar aspectos comportamentais (operante) no nível ontogenético (e.g., contingência de reforçamento), mas, igualmente, características típicas da espécie no nível filogenético (e.g., contingência de sobrevivência ou contingência de seleção natural), ela poderia também contribuir para o estudo do terceiro nível de variação e seleção, a cultura? Em síntese: a estrutura da contingência de três termos poderia ser empregada para explicar a cultura e a sua evolução? O objetivo do artigo é mostrar que as considerações de Skinner a respeito da cultura podem ser acomodadas na estrutura de uma contingência cultural de três termos. Dessa perspectiva, estudar sistematicamente os textos do autor parece ser ainda uma estratégia auspiciosa, pois as diferentes acepções de cultura identificadas nos textos skinnerianos podem ser entendidas, à luz dessa proposta, não necessariamente como “inconsistências” ou “contradições”, mas como explicações complementares, remetendo cada uma delas a diferentes elementos de uma contingência cultural de três termos. Essa compreensão implica ainda na possibilidade de delinear uma explicação comportamentalista da cultura de modo consistente com os pressupostos do comportamentalismo radical, valendo-se da mesma estrutura explicativa (contingência de três termos) utilizada para descrever outros níveis de variação e seleção (filogenético e ontogenético), prescindindo de constructos metafísicos e sem restringir a explicação da cultura ao nível de seleção ontogenético<sup>2</sup>.

<sup>2</sup> Os textos que pautaram a discussão skinneriana sobre cultura foram selecionados com base no seguinte procedimento. Foram buscados no index, da versão em inglês, de livros de Skinner o termo cultura, a fim de identificar possíveis capítulos nos quais o autor discutia esse conceito. Com base nisso, foram selecionados 16 textos: *Freedom, The evolution of a culture* e *The design of a culture* do livro *Beyond freedom and dignity*; *Culture and control*, *Designing a culture*, *Social behavior*, *Personal control*, *Group control*, *Government and law*, *Religion*, *Psychotherapy*, *Economic control* e *Education* do livro *Science and human behavior*; *Verbal behavior*, *The evolution of behavior* e *The question of control* de *About behaviorism*. Os capítulos em que Skinner discutiu de modo sistemático o conceito de cultura e de evolução cultural – como aqueles em que os conceitos figuraram no próprio título do capítulo, por exemplo – foram examinados com base no Procedimento de Interpretação Conceitual de Texto, composto por quatro etapas: 1) levantamento dos principais conceitos do texto; 2) caracterização das teses do texto; 3) elaboração de esquemas e 4) síntese interpretativa (ver Laurenti & Lopes, 2016). Já os capítulos nos quais Skinner tratou os conceitos de cultura e de evolução cultural de modo periférico foram documentados por meio de fichamentos de transcrição, que consistiram na reprodução literal de trechos do texto pertinentes à problemática da pesquisa em curso. Os produtos dessa sistematização foram articulados de maneira a mostrar como os comentários e considerações de Skinner a respeito da cultura poderiam ser acomodados na estrutura de uma contingência cultural de três termos.

**POSSIBILIDADES DE UMA EXPLICAÇÃO  
COMPORTAMENTALISTA DE CULTURA: A CONTINGÊNCIA  
CULTURAL DE TRÊS TERMOS**

Tendo em vista que há várias teorias sobre a cultura, relacionadas a diferentes áreas de conhecimento, Skinner (1953, 1971) destaca algumas concepções de cultura, direcionando críticas e apresentando explicações alternativas. Dentre essas concepções, estão as que se utilizam de noções mentalistas ou metafísicas para explicar os fenômenos culturais. Uma das teses criticadas por Skinner (1953) diz respeito a explicações antropológicas<sup>3</sup> que descrevem a cultura como aquilo que permeia o grupo e os indivíduos como uma espécie de "espírito ou atmosfera ou algo com dimensões igualmente não físicas" (Skinner, 1953, p. 419). Se para Skinner (1971, p. 132. Trad. Própria) "uma cultura não é o produto de uma 'mente coletiva' criativa ou a expressão de uma 'vontade geral'", como seria, então, uma explicação comportamentalista da cultura?

Comumente, o aspecto inicial a ser considerado em uma explicação comportamentalista corresponde ao segundo elemento da estrutura de uma contingência de três termos. No nível filogenético, esse elemento equivale às estruturas anatomofisiológicas dos organismos e aos comportamentos típicos da espécie; no nível ontogenético, circunscrevendo-o apenas ao operante, trata-se das respostas do indivíduo (Skinner, 1953). Em uma análise da cultura, o segundo elemento da contingência cultural de três termos corresponde às práticas culturais, definidas por Skinner (1971, p. 127. Trad. Própria) como o "*comportamento* habitual de um grupo". Iniciando, então, uma explicação comportamentalista da cultura pelo segundo termo da estrutura da contingência, é possível entender a definição de Skinner de que "a cultura é um conjunto de práticas" (Skinner, 1971, p. 131. Trad. Própria), que descreve "como as pessoas vivem, como criam seus filhos, como coletam ou cultivam alimentos, em que tipos de habitações vivem, o que vestem, com quais jogos eles brincam, como tratam uns aos outros, como se governa, etc." (Skinner, 1971, p. 127. Trad. Própria).

Skinner (1953, 1971) destaca que há uma estreita inter-relação entre práticas culturais e comportamentos. Práticas culturais "sobrevivem apenas por meio do comportamento dos indivíduos" (Skinner, 1953, p. 448. Trad. Própria) e "uma cultura não existe à parte do comportamento dos indivíduos que mantêm suas práticas" (Skinner, 1971, p. 209. Trad. Própria). Contudo, isso não significa que a explicação das práticas culturais dar-se-ia por meio da mera descrição de operantes individuais, o que restringiria a análise ao ciclo de vida dos indivíduos: "Mas o indivíduo, no entanto, permanece apenas como um

estágio de um processo que começou muito antes de ele existir e durará muito mais que ele. Ele não tem responsabilidade final por um traço da espécie ou uma prática cultural" (Skinner, 1971, p. 209. Trad. Própria). A explicação das práticas culturais requer não apenas um nível de análise coletivo (o "comportamento" habitual de um grupo e não de um indivíduo), mas também circunscrever essas práticas em uma temporalidade estendida que ultrapassa o tempo de vida dos indivíduos.

Todavia, uma explicação comportamentalista da cultura não se limita à identificação e descrição de práticas culturais. Para entender esse ponto vale recuperar uma analogia com a explicação da espécie e do comportamento operante. No caso da espécie, a sua explicação não se restringe a uma descrição de aspectos anatomofisiológicos, é necessário entendê-los na relação com determinadas condições de vida. No caso do operante, a sua explicação não se reduz à descrição da topografia da resposta, sendo necessário considerar também os estímulos antecedentes (Skinner, 1953) – além das consequências, que serão descritas em breve. De maneira similar, a explicação da cultura não se esgota na descrição exaustiva de como as práticas culturais são realizadas (i.e., a maneira como os indivíduos se comportam em grupo, como se relacionam, criam seus filhos, trabalham ou se alimentam) (Skinner, 1971). As práticas culturais se dão em um determinado contexto, que também deve ser considerado para compreender a cultura de uma perspectiva comportamentalista.

O que pode ser considerado como contexto antecedente das práticas culturais são as contingências do ambiente físico e social. Skinner (1971) afirma que das contingências que fazem parte da cultura, "algumas (...) são parte do ambiente físico" (Skinner, 1971, p. 127. Trad. Própria). Trata-se de condições climáticas, geográficas e recursos naturais, que servem como antecedentes para práticas culturais conforme "pessoas se mudam de lugar, como o clima se modifica, como recursos naturais são consumidos ou desviados para outros usos ou tornados inutilizáveis, e assim por diante" (Skinner, 1971, p. 128. Trad. Própria). Embora sejam menos enfatizadas por aqueles que estudam culturas, essas variáveis também fazem parte da cultura e deveriam ser consideradas (Skinner, 1953).

Entretanto, "a maioria [das contingências]... é arranjada por outras pessoas" (Skinner, 1971, p. 127. Trad. Própria, itálicos adicionados). Essas são as contingências do ambiente social, às quais os/as analistas do comportamento dedicam maior atenção em suas pesquisas sobre a cultura. Quando descreve o ambiente social, Skinner (1953) afirma que é "em parte resultado das práticas do grupo que geram

<sup>3</sup>Embora Skinner (1953) não tenha nomeado as teorias antropológicas cujas teses foram criticadas por ele, há trabalhos que descrevem teorias da cultura e suas convergências e divergências com o comportamentalismo radical (Gusso, 2008; Melo & de Rose, 2012).

comportamento ético e da extensão dessas práticas às maneiras e costumes. Isso é em parte realização das agências... e das várias subagências com as quais o indivíduo pode estar em contato próximo" (p. 419).

Em uma cultura, há diferentes formas de controle social: o controle pelo próprio grupo e um tipo particular de controle pelo grupo, que é exercido pelas agências e subagências de controle. Em algumas culturas, o controle social pode ser realizado pelo próprio grupo de maneira não institucionalizada, como supostamente se entendem as formas de controle social em Walden II (Skinner, 1948). Mas as análises de Skinner sobre a cultura, nos textos examinados, dizem respeito a culturas nas quais o controle institucional está presente. Nesses casos, segundo Skinner (1953, p. 333. Trad. Própria), "dentro do grupo, certas *agências controladoras* manipulam conjuntos de variáveis em particular. Essas agências usualmente são mais organizadas do que o grupo como um todo, e frequentemente operam com maior sucesso", pois detêm o controle de poderosos reforçadores e punidores sociais. Algumas dessas agências examinadas por Skinner (1953) são as instituições educacionais, religiosas, governamentais, econômicas e também a psicoterapia, que são grandes responsáveis pela inserção e manutenção de práticas em uma cultura — elas manipulam deliberadamente contingências sociais por meio da instauração de regras, leis ou mandamentos. Além do controle das agências, as famílias, grupos de amigos e do trabalho podem também funcionar como subagências de controle, utilizando parte das técnicas de diversas agências de controle concomitantemente e, assim, contribuem para a reprodução das práticas culturais instituídas pelas agências (Skinner, 1953).

Com isso, Skinner (1953) afirma que as agências realizam um processo denominado de "indução": uma classificação ética dos comportamentos dos indivíduos, que passa a integrar as práticas culturais. As agências criam contingências segundo as quais comportamentos considerados adequados são reforçados positivamente, ao passo que os comportamentos inadequados não são reforçados ou são punidos. Como as agências atuam visando seu próprio benefício (ver Skinner, 1987, p. 7), para compreender o funcionamento da cultura como uma contingência cultural de três termos é necessário atentar para o fato de que já no contexto antecedente, o surgimento de algumas práticas pode se dar devido ao poder de determinados grupos que fazem parte da cultura.

Essas formas de controle geram o que Skinner (1953, p. 415. Trad. Própria) denomina de classificação ética, que estabelece um padrão do que é correto ou incorreto, e ajuda a constituir práticas culturais. A partir disso, "o comportamento entra em conformidade com os padrões de uma dada comunidade quando certas respostas são reforçadas e outras deixam de ser reforçadas ou são punidas", isto é, as práticas modelam e mantêm os comportamentos individuais.

A explicação comportamentalista da cultura envolve, então, a descrição das práticas culturais na relação com um contexto antecedente, caracterizado pelo ambiente físico em conjunto com as diversas variáveis do ambiente social. Mas isso ainda não é suficiente para uma explicação comportamentalista da cultura. Há outro elemento a ser considerado: as consequências culturais. Por mais que as contingências do ambiente físico e social possam ser responsáveis por algumas características das práticas culturais — e também por algumas mudanças —, o fato de essas práticas permanecerem existindo ao longo do tempo, diante dessas contingências, só pode ser explicado pela relação entre o contexto antecedente e as práticas com as consequências culturais.

No nível filogenético, uma característica anatomofisiológica permanece como um traço de uma espécie se ela contribuir para a sobrevivência dos organismos que a exibem em determinadas condições de vida (consequência de sobrevivência). Na ontogênese, a "permanência" de um dado tipo de operante no repertório comportamental de um indivíduo é explicada pelas consequências reforçadoras produzidas pelo comportamento (Skinner, 1953). Paralelamente, a manutenção de práticas culturais ao longo do tempo é esclarecida recorrendo-se às consequências culturais, cujo efeito é sobre o grupo, e não sobre os comportamentos de membros individuais. As consequências culturais não podem ser confundidas com consequências reforçadoras e, por isso, precisam ser situadas em um nível de análise diferente das consequências que vigoram no nível ontogenético (Skinner, 1971, 1984). Geralmente, a analogia que Skinner (1953, 1971) delinea para discutir as consequências culturais é com o primeiro nível de variação e seleção (filogenético) e não com o segundo (ontogenético): "A cultura, como uma espécie, é selecionada por sua adaptação a um ambiente: na medida em que ajuda seus membros a obter o que precisam para evitar o que é perigoso, ajuda-os a sobreviver e transmitir a cultura" (Skinner, 1971, p. 129. Trad. Própria).

As consequências culturais fortalecem uma cultura no sentido em que são mantidas práticas que ajudam seus membros a resolver problemas, permitindo que a cultura sobreviva (isto é, que a cultura e as práticas que a compõem sejam perpetuadas). Mais especificamente, consequências de sobrevivência da cultura descrevem a manutenção de práticas que contribuíram para a perpetuação da cultura, por meio de mecanismos de transmissão dessas práticas (e. g., imitação, modelação, instrução verbal no caso de culturas humanas). A sobrevivência dessas práticas pode conflitar com a sobrevivência da espécie (nem todas as práticas culturais que sobrevivem podem favorecer a preservação da espécie) e elas podem também conflitar com reforçadores individuais (Skinner, 1984). (Há de se considerar, outrossim, que há relações de poder entre grupos em uma dada cultura, e que práticas que culturais podem permanecer porque favorecem a manutenção de certas relações de poder.)

Uma cultura pode ser explicada, então, em termos de uma contingência cultural de três termos, sendo elucidada com base na inter-relação entre as práticas culturais (os "comportamentos" habituais de um grupo), o contexto antecedente (variáveis do ambiente físico e social) e as consequências culturais, que exercem efeitos sobre o grupo. A explicação da cultura conforme a estrutura da contingência de três termos ganha relevo quando Skinner (1971) descreve a evolução cultural, isto é, como acontecem as mudanças na cultura.

### A EXPLICAÇÃO DA EVOLUÇÃO DA CULTURA À LUZ DA CONTINGÊNCIA CULTURAL DE TRÊS TERMOS

Skinner (1971) critica alguns sistemas explicativos das mudanças culturais que, em última instância, podem ser compreendidos como concepções que consideram apenas um dos elementos da contingência cultural de três termos, isto é, apenas os antecedentes, apenas a "topografia" das práticas ou apenas as consequências.

Uma das teorias tradicionais de explicação da evolução cultural é a estruturalista<sup>4</sup> (Skinner, 1971, 1984). Em linhas gerais, as explicações estruturalistas parecem se ater apenas ao segundo elemento da contingência cultural: as práticas culturais, desconsiderando a relação com as condições antecedentes e as consequências dessas práticas. Mais especificamente, descrevem a evolução cultural recorrendo a uma sequência de estágios, de acordo com a qual um conjunto de práticas culturais seria entendido como um estágio anterior e condição para o surgimento do estágio seguinte, caracterizado por um conjunto de práticas culturais mais complexas (Skinner, 1971). Delineando uma analogia com a filogênese, seria equivalente a explicar a evolução das espécies por meio da descrição de uma sequência de características anatômicas dos organismos; e, no comportamento operante, explicar a sua evolução em termos da descrição de uma sequência de topografias de respostas.

Outras explicações da evolução cultural parecem enfatizar apenas o primeiro elemento da contingência cultural de três termos: o contexto antecedente. É o caso das teorias que buscam explicar as modificações em uma cultura utilizando o passar do tempo como único fator determinante; nesse caso, o tempo adquiriria o estatuto de causa ou de variável independente (Skinner, 1971). Skinner também já tinha rejeitado esse tipo de explicação no nível filogenético: "O casco do cavalo não se desenvolveu porque o tempo passou" (p. 137). Recusou também o tempo como variável independente na explicação da evolução do comportamento do indivíduo: "O tamanho do vocabulário de uma criança ou as formas gramaticais que

ela usa não são uma função da idade do desenvolvimento" (p. 138). Para Skinner (1971, p. 137. Trad. Própria), "uma mudança ocorre não por causa da passagem do tempo, mas por causa do que acontece enquanto o tempo passa". Para entender o que acontece no transcorrer do tempo é necessário atentar para as consequências.

Skinner (1971) também descreve sistemas explicativos que dão ênfase às consequências; todavia critica aqueles que o fazem com um viés teleológico. Esses sistemas já se mostravam presentes em tentativas de explicação das mudanças que acontecem em uma espécie (e. g., evolução acontecendo em direção à "melhoria" das espécies) e no comportamento de um indivíduo (e. g., comportamento operante perseguindo reforço). No âmbito da cultura, as mudanças ocorridas ao longo do tempo seriam vistas como desenvolvimento e crescimento – o que sugere que a cultura, em algum momento, atingirá a maturidade, o progresso ou a perfeição. No entanto, "tratar do desenvolvimento da cultura em termos de crescimento e maturidade implica em uma interpretação teleológica, como se as mudanças acontecessem em direção a um fim" (Skinner, 1971, p. 142. Trad. Própria).

É por meio de uma explicação darwinista da contingência de três termos que Skinner evitou a teleologia no nível da espécie, do indivíduo e da cultura. De acordo com Skinner (1971), a evolução das espécies poderia ser analisada em uma estrutura de três termos: condições de vida, variação e seleção. Em determinadas condições do ambiente (e.g., geográficas, térmicas etc.) ocorrem nos organismos variações randômicas, anatômicas e fisiológicas. O *status* randômico das variações significa que elas não são necessariamente respostas adaptativas a condições ambientais que estavam vigorando no momento; em outras palavras, as variações não acontecem *para* promover a adaptação em determinadas condições de vida.

Analogamente, a evolução do comportamento operante é explicada pela seleção de variações topográficas que acontecem diante de determinadas condições antecedentes (Skinner, 1971, 1984). Segundo o autor,

certos aspectos do reforçamento operante se assemelham à seleção natural da teoria evolucionista. Assim como características genéticas surgem como mutações e são selecionadas ou descartadas por suas consequências, também novas formas de comportamento são selecionadas ou descartadas pelo reforçamento (Skinner, 1953, p. 430. Trad. Própria).

<sup>4</sup> Existem discussões que indicaram alguns limites da interpretação de Skinner a respeito de teorias estruturalistas, elucidando que o termo "estruturalismo" utilizado pelo autor não corresponde necessariamente aos seus usos na antropologia (Gusso, 2008).

As fontes de variação topográfica podem residir em contingências acidentais, “novas respostas são geradas por arranjos acidentais de variáveis tão imprevisíveis quanto arranjos acidentais de moléculas ou genes” (Skinner, 1968, p. 180. Trad. Própria); e também em contingências planejadas (Skinner, 1968). Nesse último caso, assim como geneticistas podem criar moléculas arranjando contingências especiais que talvez jamais surgissem de modo fortuito, seria possível aumentar a probabilidade de ocorrência de variações comportamentais “arranjando contingências ambientais que seriam improváveis de surgir por acidente” (Skinner, 1968, p. 180. Trad. Própria).

Na evolução das culturas, o que varia são as práticas. À semelhança das mutações genéticas e das variações topográficas operantes, essas variações podem acontecer ao acaso, no sentido de que “a origem de uma prática não precisa estar relacionada com seu valor de sobrevivência” (Skinner, 1971, p. 130. Trad. Própria). O autor descreve também que “muitas práticas culturais têm, com certeza, sido vinculadas a acidentes” (Skinner, 1971, p. 130. Trad. Própria). Antes de se tornarem uma prática cultural, essas variações surgem como variações em operantes individuais: “as ‘mutações’ responsáveis por sua evolução [da cultura] são as novidades, as inovações, as idiosincrasias que surgem no comportamento dos indivíduos” (Skinner, 1968, p. 171. Trad. Própria); como, por exemplo, “uma alergia alimentar de um líder pode dar origem a uma lei dietética, uma idiosincrasia sexual a uma prática de casamento, a característica de um terreno a uma estratégia militar” (Skinner, 1971, p. 130. Trad. Própria). Contudo, para que essa idiosincrasia individual se torne uma prática cultural, ela precisa afetar o comportamento de outros membros do grupo e não apenas do indivíduo que inicialmente exibiu a variação. Isso porque “Uma cultura . . . é o conjunto de práticas características de um grupo de pessoas, e é selecionada por um tipo diferente de consequência, sua contribuição para a sobrevivência do grupo” (Skinner, 1989, p. 117. Trad. Própria).

Além disso, de maneira similar aos processos ontogenéticos, há a possibilidade de que as variações nas práticas culturais sejam deliberadamente inseridas em uma cultura por meio do planejamento cultural (Skinner, 1971, p. 203. Trad. Própria). Por meio do planejamento, a evolução cultural poderia, então, ser acelerada: “Por muito tempo os homens [sic] introduziram novas práticas que servem como mutações culturais e mudaram as condições sob as quais as práticas são selecionadas”.

Para explicitar o papel do terceiro elemento da contingência no âmbito da cultura (as consequências culturais), Skinner (1971) descreve o papel da seleção cultural. Na seleção natural, as características dos organismos são selecionadas se contribuírem para a sobrevivência da espécie; no nível ontogenético, os comportamentos são selecionados se produzirem consequências reforçadoras. Na seleção cultural, as práticas são

selecionadas se contribuírem para que o grupo resolva seus problemas. A seleção das práticas está estreitamente relacionada com a transmissão, pois práticas serão selecionadas (perpetuadas) se forem transmitidas pelos membros da cultura.

Skinner (1971) descreve que as práticas culturais são transmitidas não por meio de mecanismos genéticos, mas são adquiridas durante o tempo de vida dos indivíduos e transmitidas para outros membros da cultura. Segundo o autor, “as práticas de uma cultura, como as características de uma espécie, são carregadas por seus membros, os quais as transmitem para outros membros” (Skinner, 1971, p. 129. Trad. Própria). Uma prática é “carregada” pelos membros de uma cultura, isto é, são replicadas ou reproduzidas (Skinner, 1989), e são transmitidas – para novos indivíduos que passem a fazer parte do grupo, para indivíduos que já fazem parte da cultura e ainda não aderiram à prática, para outras culturas, para as próximas gerações.

Conforme sujeitos reproduzem e transmitem as práticas culturais, mais chances uma dada cultura tem de sobreviver – “quanto maior o número de indivíduos que carregam uma espécie ou uma cultura, maior é sua chance de sobrevivência” (Skinner, 1971, p. 129. Trad. Própria). Portanto, quando as práticas são transmitidas, a cultura sobrevive – o que evidencia o papel da seleção também no âmbito cultural.

A despeito de ter utilizado a seleção natural como metáfora para explicar a evolução do comportamento do indivíduo e da cultura, a analogia delineada por Skinner para explicar a evolução de uma cultura não é com a evolução do comportamento operante, e sim com a evolução das espécies, o que deixa mais conspícua a diferença entre a temporalidade da evolução da cultura e a do comportamento operante. Como afirmou Skinner (1984, p. 478. Trad. Própria), “apenas o segundo [nível de seleção], o condicionamento operante, ocorre numa velocidade em que pode ser observado de momento a momento”. O autor ainda afirma que “o condicionamento operante é a seleção ocorrendo. O processo se assemelha a cem milhões de anos de seleção natural ou a *mil anos de evolução de uma cultura*” (Skinner, 1984, p. 478. Trad. Própria, *itálicos adicionados*). Portanto, a temporalidade da contingência cultural é diferente da temporalidade da contingência de reforçamento do nível ontogenético, o que precisa ser levado em consideração para a explicação da cultura.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O caráter radical do comportamentalismo de Skinner pode ser verificado também no âmbito da explicação da cultura como um terceiro nível de variação e seleção: a cultura pode ser explicada em termos de uma contingência cultural de três termos, sendo entendida a partir da inter-relação probabilística entre práticas culturais, condições do ambiente físico e

social e consequências culturais. Essa explicação ajuda na compreensão não só da cultura, mas também de como acontece a evolução cultural, conforme apresentado na Figura 1.

A proposta da contingência cultural de três termos também se diferencia em alguns aspectos da noção de metacontingência. Subjaz à proposta em pauta a tese de que nem

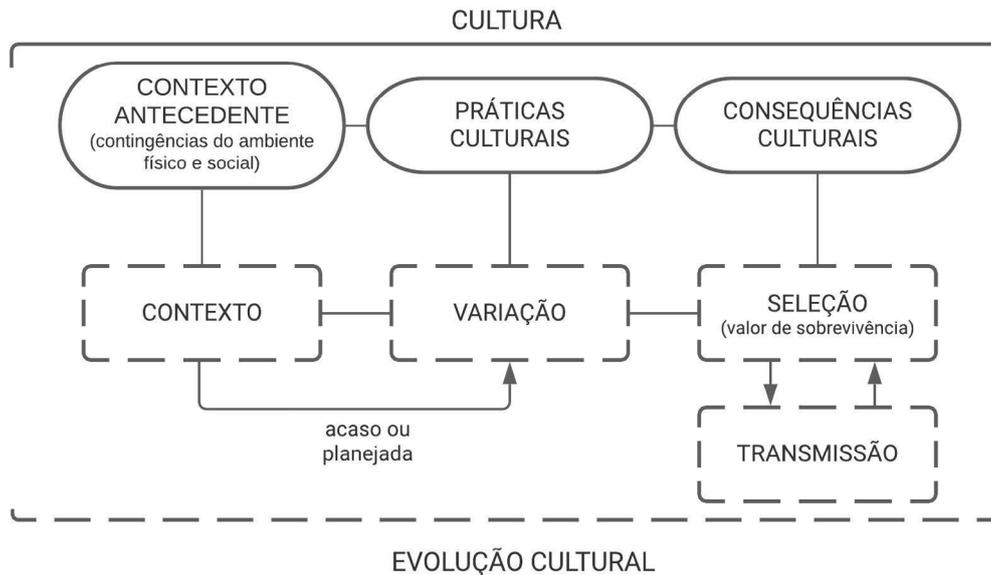


Figura 1. Esquema explicativo da cultura e evolução cultural conforme a estrutura de uma contingência cultural de três termos

Assim como sugeriu Zilio (2016), é possível que a contingência seja suficiente para o estudo da cultura. Contudo, diferente do que foi proposto pelo autor, não se trata da contingência de reforçamento, mas da estrutura da contingência de três termos. A contingência de reforçamento de três termos é útil para explicar o comportamento operante no nível ontogenético, mas é insuficiente para explicar o terceiro nível de variação e seleção, que requer uma dimensão coletiva e não individual de análise, e uma temporalidade que ultrapassa o tempo de vida do indivíduo. Embora práticas culturais dependam de comportamentos individuais para serem reproduzidas, a contingência que explica uma cultura, mesmo sendo tríplice, considera aspectos distintos daqueles utilizados para explicar o operante e também para explicar a espécie.

Diferentemente da interpretação de Fernandes et al., (2017), o artigo compreende que as distintas concepções de Skinner sobre a cultura não significam necessariamente contradições: quando Skinner destaca que a cultura é um conjunto de práticas, isso pode ser entendido como uma descrição do segundo elemento da contingência cultural de três termos (as práticas culturais); quando o autor se refere à cultura como um conjunto de contingências sociais, está se referindo ao primeiro elemento da contingência (o contexto antecedente) – e todos esses elementos, ao lado das consequências culturais, fazem parte da explicação da cultura.

todo fenômeno social é cultural (embora o inverso seja verdadeiro). O exame do comportamento de pessoas em grupo, e de como os comportamentos de cada indivíduo afetam o de outrem, consiste em uma investigação de fenômenos sociais mais ou menos complexos, cuja relevância é inquestionável, mas não necessariamente consiste na análise de uma cultura, de acordo com a perspectiva em curso. A contingência cultural de três termos destaca que a compreensão de uma cultura e de sua evolução precisa levar em conta uma temporalidade que não está restrita à do comportamento operante. Como destaca Skinner (1971, 1984), o estudo de uma cultura parece demandar o exame de práticas (e de sua transmissão entre gerações) ao longo de um extenso período de tempo, analisando o contexto histórico que levou à construção dessas práticas (e o papel das agências de controle nesse processo) – algo que conquanto presumido, não parece ter sido contemplado em alguns estudos orientados pela metacontingência (Glenn, 2004; Todorov, 2010). A consideração dessa temporalidade estendida exigiria estratégias metodológicas para o estudo da cultura distintas daquelas geralmente usadas na investigação do comportamento operante e de muitos estudos de metacontingência.

O conceito de contingência cultural de três termos situa o comportamentalismo radical como uma filosofia da cultura, fazendo com que seja possível compreender a cultura sem

apelar para constructos mentalistas, mas também sem restringir sua explicação ao segundo nível de variação e seleção (ontogenético). Os níveis filogenético, ontogenético e cultural (e sua evolução) podem ser analisados em termos de uma mesma estrutura explicativa: uma contingência de três termos, cujos elementos seguem os princípios da seleção por consequências (seleção de variações em dadas condições e transmissão). Cada uma dessas contingências (filogenética, ontogenética e cultural) exibe características próprias (emergentes) que ressaltam a necessidade de serem compreendidas de forma singular, valendo-se de estratégias metodológicas também particulares. Além da espécie e do comportamento, a própria cultura pode ser explicada como uma contingência cultural de três termos.

### CONTRIBUIÇÃO DE CADA AUTOR

Certificamos que todos os autores participaram suficientemente do trabalho para tornar pública sua responsabilidade pelo conteúdo. A contribuição de cada autor pode ser atribuída como se segue:

J. F. contribuiu com a investigação, metodologia, redação (preparação do rascunho original) e visualização da pesquisa. C. L. foi responsável pela conceitualização, redação (revisão e edição) e supervisão da pesquisa.

### DECLARAÇÃO DE CONFLITOS DE INTERESSES

As autoras declaram que não há conflitos de interesse no manuscrito submetido.

### DECLARAÇÃO DE FINANCIAMENTO

Este trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento Pessoal de Nível Superior-Brasil (CAPES) – Código de financiamento 1736509.

### REFERÊNCIAS

- Andery, M. A. P. A. (2011). Comportamento e cultura na perspectiva da análise do comportamento. *Perspectivas em Análise do Comportamento*, 2(2), 203-217. <https://doi.org/10.18761/perspectivas.v2i2.69>
- Baum, W. M. (2005). *Understanding behaviorism: Behavior, culture and evolution*. Blackwell Publishing.
- Biglan, A. (1998). Behavior analysis and the larger context. *Behavior Analysis*, 23(1), 25-32.
- Borba, A., Silva, B. R., Cabral, P. A. A., Souza, L. B., Leite, F. L., & Tourinho, E. Z. (2014). Effects of the exposure to macrocontingencies in isolation and social situations in the production of ethical self-control. *Behavior and Social Issues*, 23(1), 5-19. <https://doi.org/10.5210/bsi.v23i0.4237>
- Carrara, K., & Zilio, D. (2015). Análise comportamental da cultura: Contingência ou metacontingência como unidade de análise? *Revista Brasileira de Análise do Comportamento*, 11(2), 135-146.
- Carrara, K. (2016). Consequências nas práticas culturais: Efeitos sobre indivíduos ou grupos? *Interação em Psicologia*, 20(3), 246-256.
- de Carvalho, L. C., Couto, K. C., Gois, N. S., Sandaker, I. & Todorov, J. C. (2016). Evaluating effects of cultural consequences on the variability of interlocking behavioral contingencies and their aggregate products. *European Journal of Behavior Analysis*, 18(1), 84-98. <https://doi.org/10.1080/15021149.2016.1231003>
- de Rose, J. (2016). A importância dos respondentes e das relações simbólicas para uma análise comportamental da cultura. *Acta Comportamentalia*, 24(2), 201-220.
- Dittrich, A., Melo, C. M., Moreira, M. B., & Martone, R. C. (2013). O modelo de seleção pelas consequências: O nível cultural. In M. B. Moreira (Org.). *Comportamento e práticas culturais*. Instituto Walden4. [https://www.walden4.com.br/livros/w4/pdf/iw4\\_moreira\\_2013\\_1ed\\_oq.pdf](https://www.walden4.com.br/livros/w4/pdf/iw4_moreira_2013_1ed_oq.pdf)
- Fernandes, D. M., Carrara, K., & Zilio, D. (2017). Apontamentos para uma definição comportamentalista de cultura. *Acta Comportamentalia*, 25(2), 265-280.
- Glenn, S. (1986). Metacontingencies in Walden Two. *Behavior Analysis and Social Action*, 5(1-2), 2-8. <https://doi.org/10.1007/bf03406059>
- Glenn, S. (1991). Contingencies and metacontingencies: Relations among behavioral, cultural and biological evolution. In P. A. Lamal (Ed.). *Behavioral analysis of societies and cultural practices*. Hemisphere Press.
- Glenn, S. (2004). Individual behavior, culture and social change. *The Behavior Analyst*, 27(2), 133-151. <https://doi.org/10.1007/bf03393175>
- Guerin, B. (1994). *Analyzing social behavior: Behavior analysis and the social sciences*. Context Press.
- Guerin, B. (2016). *How to rethink human behavior: A practical guide to social contextual analysis*. Routledge.
- Gusso, H. L. (2008). *Processos comportamentais identificados nas definições de cultura na antropologia: Relações entre conceitos básicos da análise do comportamento e fenômenos sociais*. [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina] Repositório Institucional UFSC. <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/92005>

- Gusso, H. L., & Kubo, O. M. (2007). O conceito de cultura: Afinal, a "jovem" metacontingência é necessária? *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 9(1), 139-144.
- Lamal, P. A. (1991). *Behavior analysis of societies and cultural practices*. Hemisphere.
- Lamal, P. A. (1997). *Behavior analytic perspectives on cultural practices*. Praeger.
- Laurenti, C., & Lopes, C. E. (2016). Metodologia da pesquisa conceitual em psicologia. In C. Laurenti, C. E. Lopes, & S. F. Araujo (Orgs.). *Pesquisa teórica em psicologia: Aspectos filosóficos e metodológicos* (pp. 41-70). Hogrefe.
- Lopes, C. E., & Laurenti, C. (2014). Comportamentalismo. In: S. F. Araujo, F. Caropreso, G. A. Castañón, & R. T. Simanke (Orgs.). *Fundamentos filosóficos da psicologia contemporânea* (pp. 87-130). Ed. UFJF.
- Martone, R. C., & Todorov, J. C. (2007). O desenvolvimento do conceito de metacontingência. *Revista Brasileira de Análise do Comportamento*, 3(2), 181-190. <https://doi.org/10.18542/rebac.v3i2.830>
- Melo, C. M., & de Rose, J. C. C. (2012). Sobrevivência das culturas em Skinner: Um diálogo com o materialismo cultural de Harris. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 28(1), 119-128. <https://doi.org/10.1590/s0102-37722012000100015>
- Melo, C. M., & de Rose, J. C. C. (2013). The concept of culture in skinnerian radical behaviorism: Debates and controversies. *European Journal of Behavior Analysis*, 14(2), 321-328. <https://doi.org/10.1080/15021149.2013.11434464>
- Moxley, R. A. (2004). Pragmatic selectionism: The philosophy of behavior analysis. *The Behavior Analyst Today*, 5(1), 108-125.
- Skinner, B. F. (1948). *Walden two*. The MacMillan Company.
- Skinner, B. F. (1953). *Science and human behavior*. The MacMillan Company.
- Skinner, B. F. (1968). *Technology of teaching*. Appleton-Century-Crofts.
- Skinner, B. F. (1969). *Contingencies of reinforcement: A theoretical analysis*. Appleton-Century-Crofts.
- Skinner, B. F. (1971). *Beyond freedom and dignity*. Hackett Publishing Company, Inc.
- Skinner, B. F. (1978). *Reflections on behaviorism and society*. Prentice-Hall.
- Skinner, B. F. (1984). Selection by consequences. *The Behavioral and Brain Sciences*, 7(4), 477-510. <https://doi.org/10.1017/S0140525X0002673X>
- Skinner, B. F. (1987). *Upon further reflection*. Prentice-Hall.
- Skinner, B. F. (1989). *Recent issues in the analysis of behavior*. Merrill.
- Soares, P. F. R., Leite, F. L., Andery, M. A. P. A., & Tourinho, E. Z. (2018). Effects of verbal and non-verbal cultural consequences on culturants. *Behavior and Social Issues*, 27(1), 31-46. <https://doi.org/10.5210/bsi.v27i0.8252>
- Todorov, J. C. (2010). Schedules of cultural selection: Comments on "emergence and metacontingency". *Behavior and Social Issues*, 19, 86-89. <https://doi.org/10.5210/bsi.v19i0.3221>
- Todorov, J. C. (2012a). O conceito de contingência tríplice na análise do comportamento humano. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 1(1), 75-88.
- Todorov, J. C. (2012b). Contingências de seleção cultural. *Revista Brasileira de Análise do Comportamento*, 8(2), 95-105. <http://dx.doi.org/10.18542/rebac.v8i2.1315>
- Todorov, J. C. (2013). Conservation and transformation of cultural practices through contingencies and metacontingencies. *Behavior and Social Issues*, 22, 64-73. <https://doi.org/10.5210/bsi.v22i0.4812>
- Tonneau, F. (2017). Reforçamento operante e seleção natural: A analogia inútil. *Interação em Psicologia*, 20(3), 279-285. <https://doi.org/10.5380/psi.v20i3.47412>
- Velasco, S. M., Benvenuti, M. F. L., Sampaio, A. A. S., & Tomari, G. Y. (2017). Cooperation and metacontingency in pigeons. *The Psychological Record*, 67(4), 537-545. <https://doi.org/10.1007/s40732-017-0256-x>
- Zilio, D. (2016). Selecionismo, metáforas e práticas culturais: Haveria um terceiro tipo de seleção no nível cultural? *Interação em Psicologia*, 20(3), 268-278. <https://doi.org/10.5380/psi.v20i3.47398>
- Zilio, D. (2019). On the function of science: An overview of 30 years of publications on metacontingency. *Behavior and Social Issues*, 28(1), 46-76. <https://doi.org/10.1007/s42822-019-00006-x>

Data de submissão: 12/04/2019  
 Primeira decisão editorial: 09/09/2019  
 Aprovação: 09/12/2019